

Ser mãe Waldorf é... para descer do paraíso!

Escolher uma escola para o filho: momentos difíceis para toda família que tem esta chance, pois grande parte das famílias brasileiras não tem muita escolha e matriculam de acordo com o possível. Aparte as desigualdades sociais e o descaso de alguns governos com a educação no país, a pedagogia Waldorf ganha cada vez mais espaço no coração das famílias em grandes cidades brasileiras e em cidades pequenas com tendências ao *modus vivendi* "alternativo". Por isto cria-se, cada vez mais, uma nova figura de retórica em nossa linguagem que conhecemos como *mãe Waldorf*, embora isto se aplique aos pais, aos avós, aos tios e aos mais diversos personagens que, de uma maneira ou de outra, participam da educação de crianças que frequentam essas escolas.

Então, aquilo que esteve restrito ao movimento antroposófico, onde todos sabiam o que encontrariam na proposta pedagógica, passou a ser objeto de desejo de outros tipos de famílias que variam de desconhecedores completos dos princípios antroposóficos, passa por conhecedores parciais e culmina em grandes conhecedores da antroposofia, e isto é muito bom! Sendo assim, a escola antroposófica passa a ser um educandário de famílias.

Por atuar como médico há quinze anos numa destas escolas, senti necessidade de sedimentar neste texto algumas reflexões que tenho feito ao longo deste período. Nada muito pretensioso, mas de natureza bem prática para que eu mesmo refletisse quais eram as principais dificuldades no meu trabalho do dia-a-dia com famílias e alunos.

Comecei pensando o que determina a escolha por este método educacional em detrimento dos já consagrados pela academia e pautei algumas conclusões pessoais abaixo:

1. Pode ser que um dos fatores que determinem a escolha de algumas famílias pela educação Waldorf seja o selo da liberdade que estampamos na nossa proposta educacional. Liberdade pautada na individualidade. Seu filho será tratado como único em sua educação. Ele será visto como uma individualidade. Será que passamos esta ideia corretamente?
2. Outras famílias são seduzidas pela beleza natural, arquitetônica ou artística do ambiente escolar. Seu filho, além do conteúdo pedagógico clássico, será contemplado com um conteúdo artístico ainda pouco valorizado ou ausente em outros métodos. Não com um conteúdo complementar de artes, mas com a arte como um *modus operandi* no processo da educação e na vida. Não

contemplamos apenas o pensar, mas também o sentir. Cultivamos a ética e a estética conjuntamente e de forma indissociável. Deixamos claro isto?

3. Alguns familiares poderão fazer a escolha pela possibilidade de participar na construção da escola, uma vez que se sentem mal com a passividade exigida em outras formas educacionais. Há uma grande demanda do "faça você mesmo" nestas famílias e a pedagogia Waldorf contempla, de modo regular, a participação dos pais na feitura da escola, excetuando-se na construção pedagógica - que é uma tarefa para profissionais, até que se prove o contrário. Falamos sobre isto com clareza no momento da inclusão do aluno e da família em nosso meio?
4. Até aí, tudo bem. O pensar, o sentir e o querer são bem-vindos ao nosso meio e devem realmente pautar esta escolha, pois este é o conteúdo de nossas almas. Mas, até aí também, ainda não apareceu a serpente no paraíso, pois ainda estamos num mundo de escolhas totalmente interno, num mundo de desejos e repulsas, num mundo de ideias que ainda não se confrontou com o mundo físico.
5. Cada familiar de aluno traz consigo uma escola ideal: livre, bonita, participativa, sem provas mensais, onde a criança é respeitada e acolhida. Isto é paradisíaco, sedutor e pernicioso se não for muito bem explicado. A coisa se complica muito quando temos que juntar todas essas escolas individuais para construir uma coletiva que, na maioria das vezes, já está construída e funcional, e tem que atender consensualmente a todos que dela participem. A intransigência é fatal para o consenso e os acordos só serão funcionais se forem respeitadas as autoridades de cada instância não apenas por direito legal, mas por direito de autoria. Ao se fazer um acordo, temos que pensar muito em como ele será cumprido para não termos que transigir nas exceções todos os dias. Pegar o bonde andando requer algum senso de equilíbrio e tolerância, nem sempre fáceis de encontrar.

Sem querer me adentrar numa complicada discussão filosófica e sendo simplório nas afirmações, inferi duas origens à ideia de liberdade no mundo atual: uma grega e outra latina. *Eleutheria*, para os gregos, falava da possibilidade de ter movimento. Estava ligada à potência, à capacidade de ação,

à capacidade de ter domínio no seu querer. Dizia Epicuro que, para se alcançar realmente a *eleutheria*, tínhamos que abdicar de senhores tais como o dinheiro, o poder e a fama. O escravo não possuía *eleutheria*, dependia da vontade de seu senhor. Sua capacidade de movimento, na *pólis* e para sair da *pólis*, era restrita. Havia, no vulgo grego, um sentido de oposição entre os termos *eleutheria* e *doûlos*, ou seja, entre ser livre e escravo. No entanto, os grandes homens entendiam a escravidão de uma forma bem mais ampla e sabiam que o seu maior escravizador estava entranhado em sua própria alma.

Liber, libertas. Para os romanos, embora *liber* seja a palavra para denominar a casca dos vegetais onde eram escritas as leis, poemas e textos, nenhum filólogo se arvora a contextualizá-la como tendo a mesma origem do termo *liber* usada para *libertas*, a liberdade. A liberdade, para os romanos, já se pautava em condições mais abstratas, saindo da ideia simples de movimento, de escolha pela liberdade e indo para a adequação ao social; por isto, libertinagem, que tem a mesma origem, significa quebrar o trato, ir por caminhos não combinados. O social romano era muito mais preso aos acordos formais decididos pelos governos do que no mundo grego, e as leis pautavam de maneira já bem mais contundente do que a ética pura interior e o sentido de pertencimento à *pólis* que encontrávamos nos gregos.

Creio que este foi um dos motivos para fazermos tanta confusão quanto à liberdade interior e exterior como se uma existisse sem a outra.

O mundo é movido pela necessidade (*anánke*). É ela que nos faz sair da inércia. A fome, a luta pela sobrevivência e a luta pela preservação da espécie nos acordam, nos tiram de nossos leitos todos os dias. Uma escola deveria existir por uma necessidade. E essa necessidade deveria ser o motivo interior de sua existência.

Por que temos necessidade de escolas Waldorf no mundo atual? Por elas serem propagadoras da liberdade? Por serem elas esteticamente bonitas? Ou apenas por podermos participar em suas decisões? Acho que tudo isto é motivo e necessidade, mas não explica tudo.

Do ponto de vista coletivo, olhando-se para o nosso momento histórico que possui grande teor narcisista, se pensarmos na real necessidade de existência para este tipo de escola associativa, temos que ter em sua base uma atitude que abre mão do paraíso que queríamos para os nossos filhos e lidar com a realidade terrena de conviver com o diferente no dia-a-dia. Por isto, intuo que a necessidade maior que temos numa escola associativa é a de aprendermos a conviver com as diferenças, sem estarmos apoiados no endurecer das leis inflexíveis nem nos ideais libertinos dos desejos individuais onde tudo deveria ser de acordo com o paraíso interno que construí para mim e para o meu filho.

Há um trabalho a ser feito: reuniões com pais e mães diferentes, esquisitos, que pensam coisas totalmente opostas, que trazem suas neuroses e doenças para dentro da escola, que perturbam a pauta, que chegam atrasados, que nunca

participam etc. Como tenho que vivenciar isso tudo? Como lido com um professor inflexível? Como lido com um professor que não tem olhos para o que ocorre na sala? Como posso estar todos os momentos sabendo tudo que acontece na sala de meu filho? Como posso confiar na minha escolha? Perguntas, perguntas, infundáveis perguntas.

Temos dois mundos interiores que se confrontam, segundo a segundo, entre si e com o mundo chamado de real, exterior. Um, onde assentamos nossos medos, desejos, tristezas etc., nosso cabedal anímico; outro, onde assentamos a nossa natureza altruísta, sábia, justa e apaziguadora. O primeiro mundo se assenta num misto de desejo e repulsa; o outro, numa certeza e esperança no bom, no belo e no verdadeiro. Saber quando estamos agindo com uma ou com outra dinâmica tornou-se o grande jogo esquizofrênico na nossa era. Somos fragmentados. Queremos uma coisa, pensamos outra e nos sentimos despedaçados.

Como estamos acreditando cada vez menos nas regras, nas leis, nos governantes, nas autoridades, nos profissionais de um modo geral e nos pedagogos em caso específico, gostaríamos de ser os professores, os médicos, os sacerdotes, as babás, os amiguinhos e até as próprias avós dos nossos queridos rebentos. Ou seja, gostaríamos muito de fazê-los à nossa imagem e semelhança. Não a nossa imagem e semelhança do que somos, pois sabemos de nossas vicissitudes e erros, e também não acreditamos tanto assim em nós mesmos, mas a imagem e semelhança do que racionalmente (ou irracionalmente?) achamos que será bom para eles. Temos uma imagem paradisíaca de nossos filhos, perfeita. Nosso melhor projeto de vida, já que não conseguimos com nosso projeto pessoal. Nosso legado ao mundo, já que nosso espólio pessoal se baseia em algo transitório e que logo acabará. Isto é perigoso...

O recurso para todo esse processo de dinâmica confusa, o remédio para toda esta dor existencial é de efeito lento. A confiança no humano só surge lentamente quando nos apaixonamos por ele. É a paixão por esta confusão humana e o senso de transitoriedade de toda esta confusão, seguido pela certeza de um caminho evolutivo que pode dar um lenimento a toda essa bagunça. Não sofremos porque somos modernos, sofremos porque somos humanos e, desde a mais antiga antiguidade, sofremos para fazer nosso processo evolutivo. A confiança em si, a confiança nas escolhas, a confiança no humano e a confiança no que compartilha o mesmo destino não se compram no shopping, nem se aprendem na internet. Elas surgem de um processo silencioso e interno na busca pelo conhecimento de si e, por consequência, do humano.

Sendo assim, existem mais coisas que passam por nossas cabeças, além dos piolhos, que podem ser muito prejudiciais para nossos filhos.

Paulo Tavares, médico escolar
Brasília - DF

Endereço para correspondência: ptavamed@gmail.com